

O RITUAL DAS ORAÇÕES DURANTE O PARTO NO SERTÃO CENTRAL DO CEARÁ. (1960-2000)

NOÉLIA ALVES DE SOUSA*

A região que se transformou em campo da nossa pesquisa é denominada de Sertão Central do Ceará. O Sertão Central é uma divisão administrativa que compreende uma das regiões mais secas e mais pobres do Estado. Abrange os Municípios de Quixadá, Quixeramobim, Banabuiú, Choró, Ibaretama, Senador Pompeu, Pedra Branca, Mombaça, Piquet Carneiro, Solonópole, Milhã e Dep. Irapuan Pinheiro.

É preciso esclarecer que a região é dividida em dois pólos: o Sertão Central I, que engloba Quixadá, Quixeramobim, Banabuiú, Choro e Ibaretama; e o Sertão Central II, que compreende os Municípios de Senador Pompeu, Pedra Branca, Mombaça, Piquet Carneiro, Solonópole, Milhã e Dep. Irapuan Pinheiro. Nossa pesquisa foi centrada exclusivamente no Sertão Central II e teve como núcleo o Município de Senador Pompeu.

É importante destacar a noção de que, nesta região, até praticamente a década de 1970, grande número de mulheres ainda tinha seus filhos com a ajuda das parteiras, principalmente aquelas que moravam longe das sedes dos municípios.

O corte cronológico pelo qual optamos compreende o intervalo de 1960 a 2000. Escolhemos este período por vários motivos: a partir da década de 1960, ocorreram grandes transformações no interior do Ceará, marcadas pela ascensão da cultura do algodão. Na região do Sertão Central, o algodão enriqueceu uma elite que vivia do cultivo e do beneficiamento do produto. Pelos municípios-pólos da região instalaram-se as grandes usinas de beneficiamento do “ouro branco”, entre estes municípios-pólo, Quixadá e Senador Pompeu.

Este período foi marcado pela intervenção médica nas práticas de cura da população, derivada, entre outros motivos, da fundação da Faculdade de Medicina do Ceará, na década de 1940. A intensa divulgação das descobertas científicas e a maior

* Professora Adjunta do Curso de História da Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central da Universidade Estadual do Ceará-FECLESC-UECE. Doutora em História.

intervenção do Estado por meio não só de campanhas de saúde, como também, da construção de hospitais no interior, ajudavam a questionar costumes de cura praticados havia gerações pelas comunidades sertanejas. Entre estas modificações encontrava-se o início, ainda incipiente, do parto no hospital e o combate da Medicina contra as parteiras tradicionais.

Nossas fontes principais, portanto, são os depoimentos das parteiras. As parteiras entrevistadas foram aquelas que exerceram o ofício na região durante o período em estudo. Dentre estas, encontram-se tanto as que foram efetivamente parteiras leigas quanto aquelas treinadas nos hospitais. A comparação entre estes dois grupos será feita, inclusive, para tentar perceber em que medida a Medicina avançava sobre costumes há muito arraigados no interior destas comunidades.

Entre os vários rituais das parteiras por nós rastreados encontrava-se o costume de proferir orações na hora do parto. O costume de rezar na hora do parto é um dos traços mais freqüentemente encontrados no ritual do parto domiciliar nas mais diferentes regiões (PEREIRA, 1993:192)

Tal padrão parece persistir nas estratégias de cura. A relação da parteira com o santo é sem dúvida, de devoção, pois o santo a protege e protege sua clientela; cada parteira tem os santos de sua preferência, aos quais estão ligadas as invocações de suas rezas; também as promessas, as velas, os agradecimentos não são infreqüentes. O santo ora é uma entidade poderosa a quem se suplica, ora é como um pai ou mãe severa mas bondosa; é também um parceiro com quem se conversa, troca-se idéias, discute-se o cotidiano.

Em nossa pesquisa, percebemos que as orações eram mais utilizadas pelas parteiras leigas do que pelas treinadas. Em quase todos os depoimentos por nós coletados entre as parteiras leigas, as orações eram uma constante, embora também tenhamos encontrado parteiras treinadas em hospitais ou por médicos que também se utilizassem das orações: “Fazia o exame de toque e rezava uma oração. No hospital as enfermeiras chamavam de chocalho das parteiras, porque a gente pendura no pescoço”. (D.^a E)).

Eu rezava uma oraçãozinha comigo. [a senhora ainda lembra?] Não tô quase esquecida, tô lembrada não mia fia. A gente rezava para Nossa Senhora do Bom Parto, pedino a Nossa Senhora que desse um bom parto pra aquela coitada que tava sofrendo muito. Que a gente não podia dar jeito Nossa Senhora ajudasse a gente pra ela ganhar ligeiro. (D.^a F).

Nestes dois depoimentos, dois costumes comuns em relação às orações na hora do parto. No primeiro depoimento, as orações eram dobradas e costuradas dentro de um pequeno envelope de tecido chamado breve. O breve era pendurado no pescoço da parturiente para protegê-la na hora do parto. Por isso ele era chamado de chocalho das parteiras. Eram orações destinadas a Nossa Senhora do Bom Parto ou a São Raimundo Nonato¹.

No segundo depoimento, um aspecto recorrente nas entrevistas: embora mencionem as orações, falem a que santos se destinavam e até comentem acerca do teor destas orações, a maioria das parteiras afirmava não lembrar do texto da oração. Este fato nos deu a impressão de que estas orações eram destinadas a ser pronunciadas apenas na hora dos partos, como se pronunciá-las em outras situações pudesse diminuir sua eficácia.

Esta crença de que as orações destinadas à hora do parto perderiam sua força se proferidas em outro contexto já foi apontada por outros autores (MORAES PINTO, 2004:231-232) que analisaram o assunto em regiões diferentes:

Contudo, a maior parte das orações manipuladas pelas “mulheres de dom”, dos povoados rurais da região do Tocantins, é de uso exclusivo da prática de cada uma delas, cujos conteúdos se encontram selados em segredos. São orações, segundo elas, “inspiradas através da vontade divina para os guias” que as compõem segundo as especificidades dos males que pretendem tirar, amarrar ou cortar. Tais orações jamais são recitadas de forma audível, pois os guias não permitem sua revelação, é um segredo partilhado somente por aqueles que possuem o privilégio de transitar entre o mundo dos espíritos e encantados.

Os santos a quem se recorriam eram: além de Nossa Senhora do Bom Parto, São Raimundo Nonato, São Bartolomeu e Santa Margarida. Aliás, além da Nossa Senhora do Bom Parto, a mesma Virgem Maria era invocada sob suas mais diferentes versões. Em quase todos os casos, rezava-se no início do trabalho de parto e na hora da expulsão da placenta. No primeiro caso, para que o trabalho de parto não prolongasse o

¹ “São Raimundo Nonato nasceu em Portel, Espanha. Quando São Pedro Nolasco, a 10 de Agosto de 1218, dava início à Ordem das Mercês para redenção dos escravos, com rito solene na Catedral de Barcelona, da qual era cônego o amigo e conselheiro Raimundo de Penafort, entre os fiéis estava o moço de dezoito anos, Raimundo, chamado Nonato porque foi extraído do corpo da mãe morta no parto. Filho de família pobre, quando foi pastor de rebanhos. Vestiu o hábito dos mercedários aos vinte e quatro anos de idade, seguindo o exemplo do fundador, se dedicou à libertação dos escravos da Espanha ocupada pelos mouros e à pregação no meio deles. Pela sua difícil vinda à luz do mundo, São Raimundo Nonato é invocado como patrono e protetor das parturientes e das parteiras.” www.acidigital.com. p.1.

sofrimento da mulher e no segundo para que a placenta fosse logo eliminada. Neste último caso, a oração a Santa Margarida era a preferida (FREITAS,1997:107-108):

(...) Esta oração é bastante difundida na prática das parteiras tradicionais. Segundo Cláudio Parciornik, essa santa é a patronesse das mulheres grávidas da Europa, e morreu por ter resistido às tentações de sedução do seu rei. Diante de tal recusa, recebeu chibatadas por todo o seu corpo e foi jogada na fogueira. Após sua morte, recebeu a coroa de mártir, e foi canonizada como mãe celeste de todos os viventes do Ocidente”. (...) “Minha Santa Margarida, não estou prenha e não estou parida, tira os pedaços de carne podre de dentro da minha barriga.

Esta oração dedicada a Santa Margarida é uma das mais populares entre as parteiras, e é sempre utilizada para auxiliar no delivramento da placenta. Note-se, no texto da oração, à menção a carne podre. Carne podre neste contexto é a placenta, que já não tem nenhuma serventia e encontra-se em estado de decomposição e por isso precisa ser eliminada de dentro do corpo da mulher, para que ela tenha plena recuperação de seu trabalho de parto.

Apesar de todo o segredo em torno destas orações, no entanto, conseguimos com que algumas parteiras nos declarassem o texto de sua oração predileta:

Primeira cantada do galo São Bartolomeu se levantou e o seu cajado, no seu cajado se encaminhou, na frente encontrou nosso senhor Jesus Cristo, vamu lá Bartolomeu, vim atrás de vós senhor, pra que Bartolomeu? Pra acudir fulana de tal que tá em grande aflição, aí ele responde, atrás Bartolomeu em casa que tu entrar mulher não morre de parto, criança não morre abafano, nenhuma da sua casa morrerá preso nem acorrentado, essa é a final e a pessoa reza 3 vez. (D.^aL).

Como se pode observar, a oração a São Bartolomeu é bastante específica no seu pedido: em casa onde o Santo entrar não morrerá mulher de parto, nem criança abafada. Criança abafada tem o significado de criança sufocada, seja por estar com o cordão umbilical enrolado no pescoço, seja porque não consegue sair do útero da mãe. Daí a menção a quem ninguém morrerá preso ou acorrentado.

Estas duas imagens se referem aos laços que unem o destino da mãe ao destino do filho. Estes laços são fortes como correntes que, se não forem quebradas na hora do parto, libertando o filho do corpo da mãe, condenarão os dois à morte, acorrentados um ao outro. O recurso de repetir a oração por três vezes é muitas vezes

utilizado como uma forma de potencializar o poder da oração em uma referência explícita à Santíssima Trindade (MORAES PINTO,2004: 231).

Partindo dessa lógica, a maior representação sagrada do número três pode ser vista na representação da tríade divina: Pai, Filho e Espírito Santo. Aliás o três é visto em muitas culturas como um número harmonioso, que pode conter poderes mágicos. Dessa forma, a presença ou repetição do número três ou dos seus múltiplos sugere uma idéia de equilíbrio e purificação.

Percebemos no texto da oração que quem confere este poder a São Bartolomeu é o próprio Jesus Cristo, ou seja, um dos membros da Santíssima Trindade.

Como já comentamos, as orações à Virgem Maria eram recorrentes em suas mais variadas faces: Nossa Senhora do Bom Parto, Nossa Senhora de Montserrat, Nossa Senhora da Conceição. Em todos os depoimentos por nós coletados, não conseguimos nenhuma das orações à Nossa Senhora do Bom Parto, mas conseguimos uma destinada à Nossa Senhora da Conceição:

Oh, minha Virgem da Conceição consola esse coração que vós consolai, cheio de pecado, carregado de maldade, oh, minha mãe, se eu tivesse minha mãe como minha advogada, não tenho medo nem pavor de nada, sois os olhos fechados, estrela do mar bendita, os anjos vão entregar, entregadores em Belém, em uma casinha de santos, mais santos para minha devoção, que estará na oração que rezar por um ano contínuo por muito pecador que seja, sua alma será salva. (D.^a L).

Como podemos observar, a imagem da Virgem Maria é muito forte e muito recorrente nas orações na hora do parto. Notemos que, nesta oração, ela é invocada como mãe e como advogada, aquela que vai defender a causa do fiel diante de Deus e dos santos. Antes de discutirmos as implicações relacionadas à devoção aos santos, nos deteremos na imagem da Mãe. A grande força que a Virgem Maria imprime aos seus fiéis deriva justamente do papel da mãe sofredora cometida a ela. E é sobre esta imagem da mãe que falaremos agora. É preciso esclarecer que o culto da mãe não foi uma invenção do cristianismo.

Nas religiões das mais antigas civilizações, encontramos o culto do princípio feminino, que nada mais era que o culto da fertilidade e da continuidade da vida que, então como hoje, era privilégio das mulheres (BARROS, 2001:25-26)

A Deusa Mãe, deusa única, foi cultuada, primordialmente, pelos mistérios

que envolviam a concepção, a gestação e o nascimento. Mais tarde, apareceu dotada de inúmeras funções, que foram englobando outras necessidades vitais do homem, como alimentação e a fertilidade, que ela estendia aos animais e à natureza. Embora a Deusa fosse representada por numerosas divindades, a partir de suas múltiplas funções, ela sempre foi a única e, durante muitos milênios, reinou sozinha e, seguramente foi a religião da Mãe a primeira e mais antiga das religiões.

Por todo o Oriente Próximo e pelo Mar Mediterrâneo, o “Culto da Mãe” foi sempre uma constante nas religiões das velhas civilizações: Ishtar entre os babilônios, Ísis entre os egípcios, Deméter entre os gregos, Ceres entre os romanos, Cibele na Ásia Menor, não importa o nome com os quais elas foram cultuadas, em todas estas deusas o que se cultuava era a fertilidade, o princípio feminino da vida, o poder da reprodução.

Na transição das sociedades pagãs para a sociedade dominada pelo cristianismo, no entanto, muitos dos costumes da Antigüidade greco-romana foram suprimidos ou adaptados para fins da nova religião triunfante. Entre estes costumes que tiveram que passar por adaptações encontrava-se o que fazer com o culto do princípio feminino herdado das sociedades pagãs.

Os cristãos, seguindo uma tradição herdada do Judaísmo, praticamente desde seus primórdios, sempre lutaram contra a influência das mulheres no seu meio. O grande argumento para a exclusão das mulheres dos lugares de projeção dentro da nova religião era sua “extrema carnalidade” (SALISBURY,1995:43)

Por outro lado, os Pais consideravam as mulheres carnis e sexuais por natureza. Os homens, espirituais, seriam tentados a cair no reino do físico quando na presença de mulheres, carnis. No intercurso sexual, a metáfora do espírito aprisionado na carne ganhava concretude no ato da penetração do corpo feminino.

Como se pode observar havia um terror profundo envolvendo os primeiros “pais” da Igreja em relação à sexualidade feminina. Este terror foi contornado de duas maneiras: afastando as mulheres de qualquer perspectiva de poder na estrutura da Igreja e criando códigos rigorosos de comportamento a que todas as mulheres deveriam se submeter. Códigos que iam da submissão total aos homens, fossem eles pais, irmãos ou maridos, ao uso dos véus para esconder-se dos olhares masculinos, a reclusão em casa ou nos conventos e a total disciplina da sexualidade (DUBY,2001:36).

É nesta conjuntura que vai se inserir o surgimento do culto da Virgem Maria (BARROS,2001:158)

O Culto mariano acabou se desenvolvendo pela impossibilidade da Igreja de eliminá-lo. Os pais da Igreja perceberam que o cristianismo só seria aceito, dentro dos moldes católicos, se admitisse identificações com as crenças anteriores, sobrevivências de práticas e ritos populares. Sem abrir mão da liderança, o ponto mais importante para o catolicismo, eles fizeram concessões, onde rejeitaram, toleraram e/ou incorporaram algumas crenças, práticas e mesmo alguns ritos.

Como se percebe, o culto da figura feminina que os cristãos tanto quiseram extirpar do seu meio não pôde ser excluída em virtude da força da crença popular na imagem da mãe. Aproveitando-se desta tradição antiga na região mediterrânica- aquela que privilegiava o culto da mãe- os cristãos também adotaram uma mãe para cultuar.

Só que esta mãe que foi elaborada para ser cultuada pelos cristãos era uma mãe moldada pelos desejos de homens que não aceitavam a submissão à Grande Mãe, poderosa, cruel, independente e carnal. A Mãe que estes homens se permitiram adorar era uma mãe asséptica, assexuada, privada de sua independência e de seu poder. A mãe que deu à luz sem prazer sexual e, portanto, foi privada da carnalidade feminina que tanto atemorizava os homens da Igreja.

Embora assexuada e despojada de sua carnalidade, no entanto, o poder da Virgem Maria feita mãe e advogada (FREITAS, 1997:107) de seus filhos manteve-se forte através dos séculos, tanto que sua imagem é entronizada como padroeira em milhares de cidades pelo mundo. E é sintomático o fato de que os maiores santuários católicos do mundo sejam aqueles dedicados a ela: Fátima e Lourdes. Daí que, na hora do parto, na hora em que mulheres arriscavam suas vidas para serem mães, sua imagem, sua intercessão, fosse a mais procurada.

O papel de Maria como intercessora dos homens junto a Deus, a Jesus ou aos santos consubstancia-se nas diferentes orações destinadas a ela: desde a Salve-Rainha ou a Ave-Maria, passando por outras orações² menos conhecidas, em todas elas ela aparece como a mãe que implora misericórdia para seus filhos sofredores e pecadores. Além de interceder junto a Deus ou a Jesus pelos homens, Maria também é

² “Oh!, Virgem Maria Mãe de Deus, alcançai de vosso amado filho, perdão, misericórdia. Oração cantada como refrão em terços no sertão do Ceará.

uma poderosa intermediária junto aos santos. E agora vamos comentar um pouco sobre a devoção aos santos, um costume tão comum aos fiéis do catolicismo (DAVIS,1990:51)

(...) antes da Reforma, a relação das mulheres católicas com seus santos era comumente privada ou organizada de maneira informal. As ocasiões mais importantes de invocação dos santos eram a gravidez e, especialmente, o parto. Aí ante suas vizinhas e a parteira, a parturiente pedia à Virgem- ou mais frequentemente, a Santa Margarida, padroeira das mulheres grávidas- pelo conforto de Deus em suas dores e no perigo e que seu filho nascesse vivo.

Este costume comentado por Davis acerca da França no início da época moderna pode ainda ser encontrado por todo o sertão do Ceará: o culto privado. Talvez por morarem em lugarejos afastados de núcleos urbanos, talvez porque em alguns núcleos não houvesse padres permanentemente, as pessoas que moravam na região pesquisada desenvolveram toda uma relação mais privada com seus santos de devoção: relações estas que vão do costume de se reunir a família e os amigos para rezar o terço, a elaboração das chamadas novenas, que é a organização de nove noites de terços em homenagem ao santo.

As novenas de Maio em homenagem à Maria são ocasiões festivas no sertão do Ceará. Aliás, por todo o mês de Maio, os católicos no sertão prestam as mais variadas homenagens a Maria: rezam, cantam, vestem-se de branco, realizam pequenas procissões com a imagem da Santa sendo levada de uma casa para outra. Entre as lembranças de infância de várias senhoras sertanejas as festas de Maio em homenagem à Maria são sempre uma das lembranças mais marcantes (FÉLIX, 2005:53)

A partir do dia 06 começam as caminhadas, sempre nas madrugadas, para os diversos bairros da cidade. Todos os fiéis se encontram na Igreja e daí saem em procissão, tendo á frente Nossa Senhora da Glória, que é conduzida num andor bem ornamentado com flores. Durante o trajeto é feito a liturgia do evangelho, até chegar no local determinado, são feitas paradas para que se possa fazer a leitura do evangelho, bem como a reflexão que fica a cargo de uma pessoa leiga integrante do grupo responsável pela organização da caminhada naquele dia, pois cada dia é um grupo diferente. Ao chegar no local determinado dá-se à celebração. A santa é deixada naquele local (uma escola, capela, creche) durante todo o dia, as pessoas do bairro revezam-se entre si para adorar Nossa Senhora da Glória. À noite a santa é levada para a Igreja Matriz, para celebração da novena.

Embora a autora esteja se referindo à cidade de Mombaça, também localizada no Sertão Central do Ceará, precisamos sublinhar o fato de que, em Senador Pompeu, cuja padroeira é Nossa Senhora das Dores, estas procissões de madrugada com a imagem da Santa também costumam acontecer no mês de Setembro, que é quando ocorre sua festa. É oportuno destacar que, entre as festas mais importantes vivenciadas por estas comunidades sertanejas, encontram-se justamente as festas dedicadas aos seus padroeiros (CHAVES, 2002:64)

Entre as variadas manifestações deste culto privado aos santos e à Virgem, porém, nenhum é tão forte e tão recorrente como os santuários domésticos (LIMA,2002:34)

A relação com o sagrado está presente em praticamente todas as casas de pessoas que se autodenominam católicas, muito embora essas pessoas não participem ativamente de movimentos religiosos que a Igreja local promove. As imagens encontradas são, para essas pessoas um sinal da presença divina. E aí é que podemos ver como é importante este sinal que as pessoas determinam. É uma espécie de pacto que se faz de ajuda mútua, onde o santo e o devoto completam-se, e todos saem ganhando. Em algumas casas a presença de quadros com fotos de santos é algo sem limite- se é que existe limite quando se refere a crença. Percebemos que esse ato de ter o santuário, de fazer-se conhecido da comunidade, as pessoas ao adentrarem o recinto não tenham a menor dúvida da presença do divino na família, do entrosamento existente entre a comunidade familiar e o sagrado é muito comum. A presença dos mesmos garante uma proteção contra os males que pode ser cometido a qualquer membro da família.

Aqui nesse trabalho, o autor comenta acerca do significado de um costume muito comum nas casas sertanejas: a organização dos chamados santuários domésticos. Em quase todas as casas sertanejas, encontramos, normalmente na sala, estes santuários: são quadros e mais quadros de santos pregados nas paredes, acompanhados de fitas abençoadas pelos padres, por orações de agradecimentos, por fotos daqueles que conseguiram algumas graças ou promessas alcançadas.

É claro que nestes santuários podemos encontrar aqueles santos mais populares na região: Santa Luzia, Nossa Senhora do Bom Parto, Nossa Senhora das Dores, São Francisco, São José, São João, Menino Jesus de Praga, São Sebastião, Imagens do Padre Cícero, fotos do Papa João Paulo II e, nos últimos tempos, fotos do Padre Marcelo Rossi.

É importante lembrar que, quanto mais variado for o santuário, tanto mais conhecido ele será na comunidade, portanto mais visitado e de maior prestígio e de

maior poder. Não nos esqueçamos de que, além da presença cotidiana dos santuários domésticos, o Estado do Ceará conta com dois grandes santuários católicos reconhecidos: a cidade de Canindé, onde fica o santuário a São Francisco (NASCIMENTO, 2006:34) e Juazeiro do Norte que, em novembro, se transforma em uma verdadeira Meca Nordestina para os romeiros do Padre Cícero. A devoção ao Padre Cícero e as peregrinações a Juazeiro se revestiram desde seus primórdios das marcas de um catolicismo eminentemente popular (DELLA CAVA, 1976:80)

Além da visão do apocalipse, a “nova religião” oferecia aos crentes alívio dos sofrimentos terrenos. Em Outubro de 1891, alegava-se que 27 homens e mulheres que tinham vindo a Joazeiro provenientes dos estados do Rio Grande do Norte, Pernambuco e Ceará haviam sido “milagrosamente” curados: os aleijados andaram, os cegos passaram a enxergar e uma mulher estéril ficou grávida. Em consequência, Joazeiro- como muitos outros centros religiosos ortodoxos do Brasil- foi inundado de peregrinos, que lá iam em busca de remédios para os seus males temporais. Muitos iam fazer uma promessa, outros para pagar promessas anteriormente feitas.

Além destes santuários já avalizados pela fé popular, outro santuário cearense encontra-se em processo de difusão: é o santuário construído pelo bispo de Quixadá, D. Adélio Tomasini. O Bispo construiu, em Quixadá, um santuário dedicado a Nossa Senhora Imaculada Rainha do Sertão, que teria aparecido para um camponês no sítio onde foi erguido o templo.

Este foi construído em cima de uma colina bastante elevada, de onde se avista toda a cidade. Lá o Bispo edificou uma igreja muito bonita, cheia de vitrais e nichos onde estão entronizadas praticamente todas as padroeiras da América Latina: de Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil, a Nossa Senhora de Guadalupe, padroeira do México; ou seja, o santuário construído em Quixadá é um monumento ao culto à Maria sob as suas mais diversas manifestações. Este santuário é alvo, nos últimos anos, de visitas por parte dos romeiros que se deslocam para Quixadá para orar no santuário dedicado a Nossa Senhora (SOUSA, 2006:44)

Além destas orações dedicadas a Nossa Senhora ou a São Bartolomeu, uma outra oração também nos foi recitada por uma das parteiras:

É feito o meu corpo em nome de Deus e da Virgem Maria minha mãe, os 12 apóstolos e meus irmãos, que saia do meu corpo todos os males que me afligem, a fim de que meu corpo não seja preso e o meu sangue não seja derramado, o meu corpo tem circulado com as armas de São Jorge Guerreiro para que nossos inimigos visível e invisível tenha olhos e não

vejam, e tenha boca e não me fale, tenha pé e não me alcance, andarei esse dia e essa noite tão linda como andou Jesus Cristo 09 meses no ventre da santíssima Virgem. (D.^a V).

Aqui uma oração destinada a São Jorge, o santo guerreiro. E mais uma vez encontramos a referência ao corpo preso e ao sangue derramado. Estas constantes referências sinalizam aquelas que eram as duas maiores preocupações das parteiras: não conseguir “libertar” a criança do corpo da mãe e a possibilidade da hemorragia. Como nos reportaremos mais adiante, estes eram os traumas maiores que poderiam ocorrer em um parto domiciliar.

Além do fato de se rezar na hora do parto e no momento da eliminação da placenta, encontramos em nossa pesquisa dois outros momentos de comunhão com o sagrado: a oração que precede a saída da parteira de casa e o caso dos pressentimentos.

Uma das parteiras por nós entrevistada nos relatou um ritual de oração que ela cumpria sempre que era chamada para fazer um parto:

Não eu fazia assim uma promessa para que Nossa Senhora do Bom Parto, se esse parto for em paz, se Deus a mim ajudar que seja em paz, quando eu chegar em casa eu rezo 10 Pai Nosso, 10 Ave Maria, 10 Santa Maria, aí quando chegava da minha diligência eu fazia, só que nunca rezei dentro de casa. [rezava onde?] Era no terreiro. [Porque?] Porque para mim só servia se fosse no terreiro, rezava assim do lado de fora. Ainda hoje eu sou desse jeito. Só serve se for fora. Às vezes rezo uma novena em casa, uma coisa, uma comparação, mas se eu fizer uma promessa, minha promessa eu pago rezando lá ajoelhada, sem forrar o joelho, sem nada. (D.^a C).

Neste relato alguns aspectos convém destacar: em primeiro lugar, a promessa para que o parto corresse tranqüilo, feita mesmo antes que ela saísse para atender a parturiente. Em segundo lugar, o fato de esta parteira só acreditar que suas orações teriam efeito se feitas ao ar livre. Aqui quase se pode inferir que, para se ter maior acesso à divindade, precisava se fazer primeiro uma comunhão com a natureza. A crença na prece ao ar livre, debaixo do céu, e tendo contato direto com a terra remete a crenças muito antigas nas forças da natureza. Note-se que ao se ajoelhar- para pagar suas promessas, D.^a C faz questão do contato direto com a terra, sem nenhum obstáculo que se ponha entre seu corpo e o corpo da mãe-terra (JUCÁ E MOULIN,2002: 80)

Este ritual de rezar-se antes mesmo de sair de casa é outro dos traços místicos vivenciados pelas parteiras em diferentes regiões (CHAMILCO,2001: 121-122)

Observe-se ainda que, ao saírem de casa para fazer os partos, as parteiras invocam a Deus, Santos e Espíritos protetores para que as protejam durante a caminhada até a casa da parturiente. Às vezes para chegarem até a casa da parturiente precisam atravessar rios e florestas. Durante este percurso, as parteiras vão rezando e pedindo proteção para que o parto aconteça sem problema. Tudo isso faz parte do cerimonial de preparação para o parto.

Outro aspecto que evidenciamos diz respeito ao pressentimento. Em alguns dos nossos depoimentos, encontramos parteiras que afirmavam sonhar com partos futuros, recebiam avisos ou que afirmavam ter visões do que ia acontecer no parto de determinada parturiente:

Já tinha feito muito parto dela também, aí foi feito do derradero parto dela, ela mandou me chamar, quando eu cheguei, ela tava deitada na cama, achano graça, naquela alegria, aí fechei os olho, sempre eu fazia, que eu fechei os olho assim, eu vi, tudo, tudo, que num ia dá certo num sabe. [a senhora teve pressentimento?] Tive, vi ela morta, vi tudo, tudo, pode crer como Deus no céu. [e ela morreu de que?] eclampse [ah! Deu eclampse na hora do parto?] Foi, e eu sabia que ia dá. [Só pelo pressentimento?] Só pelo pressentimento. [Quando a senhora fazia um parto a senhora mais ou menos sabia o que ia acontecer?] Sabia. Sabia, só bastou eu fechar meus olho eu sabia tudo que tava dentro da mulher, tudo, é mermo que eu ta veno essa parede aqui. (D.^a F).

Neste depoimento, está um dos exemplos mais claros das visões e do pressentimento. D.^a F afirmava que “via” tudo o que ia acontecer no parto, assim que olhava para mulher. No caso ora mencionado, ela encaminhou a mulher para o hospital porque afirmava que não queria que ela morresse em suas mãos.

Esse tipo de crença era muito comum entre as parteiras: a convicção de que eram capazes de pressentir o bom ou mau andamento do parto. É fato que tal crença era mais comum entre as parteiras leigas. O que torna o relato de D.^a F mais interessante é que, embora ela tenha começado a partejar como leiga, posteriormente passou por vários treinamentos e se utilizava de vários procedimentos da Medicina erudita. Portanto, encontramos nesta parteira uma mistura deveras interessante entre os métodos da Medicina Científica e as práticas culturais da comunidade onde ela se encontrava.

No caso ora mencionado, talvez, D.^a F não tenha realmente visto a mulher morta, mas, em virtude do treinamento a que ela já havia se submetido, pode ter detectado na aparência da mulher os sinais de uma possível eclâmpsia. E por conta desta

percepção tratou de se proteger das acusações de imperícia e incompetência, encaminhando a parturiente ao hospital local.

Embora o diagnóstico da eclâmpsia da parturiente, porém, pudesse ter sido feito com base em indícios aparentes, importa é que, para ela e para a comunidade da qual ela fazia parte, os pressentimentos, as visões, a sensibilidade apurada para detectar problemas compunham qualidades necessárias de uma boa parteira. Portanto, ao anunciar que “via” tudo que ia ocorrer em um determinado parto, bastando para isso ver a mulher, o que D.^a F estava fazendo era referendar esta percepção da comunidade acerca das boas parteiras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

BARROS, M. N. A de. *As Deusas, as Bruxas e a Igreja: séculos de perseguição*. Rio de Janeiro; Record, Rosa dos Tempos, 2001.

CHAMILCO, R.A.S.I. *Práticas Obstétricas Adotadas pelas Parteiras Tradicionais na Assistência ao Parto e Nascimento Domiciliar em Município da Amazônia Legal-Santana-AP*. Dissertação de Mestrado em Enfermagem. Escola de Enfermagem Ana Nery-UFRJ. Rio de Janeiro, 2001.

CHAVES, J.O.S, *Atravessando Sertões: Memórias de velhas e velhos camponeses do Baixo-Jaguaribe-Ceará*. Tese de Doutorado em História. UFPE, Recife, 2002, mimeo.

DAVIS, N. Z. *Culturas do Povo: Sociedade e Cultura no início da França Moderna*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990.

DELLA CAVA, R. *Milagre em Joazeiro*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.

DUBY, G. *Eva e os Padres*. São Paulo, Companhia das Letras, 2001.

FÉLIX, A. M. M. *A Coexistência do Sagrado e do Profano na Festa de Nossa Senhora da Glória em Mombaça*. Monografia de Graduação em História. Campus Avançado do Sertão Central II/FECLESC/UECE. Senador Pompeu, 2005. Mimeo.

FREITAS, M.S. *Mãos que Aparam Vidas: Um estudo sobre a prática das parteiras domiciliares de Caruaru*. Dissertação em Sociologia. UFPB, João Pessoa, 1997, mimeo. JUCÁ, L. e MOULIN, N. (Org) *Parindo um Mundo Novo: Janete Capibaribe e as Parteiras do Amapá*. São Paulo, Cortez, 2002.

LIMA, J. A. B. *Santuários e Oratórios Domésticos: Sinais de Resistência da Religiosidade Popular*. Monografia de Graduação em História, FECLESC/UECE-Quixadá,, 2002, mimeo.

MORAES PINTO, B.C. de. *Parteiras, “Experientes” e Poções: o dom que se apura pelo encanto da floresta*. Tese de Doutorado em História. PUC-SP. São Paulo, 2004, mimeo.

NASCIMENTO, F. do. *O Fenômeno das Romarias a São Francisco das Chagas de Canindé*. Monografia de Graduação em História, Campus Avançado do Sertão Central II/FECLESC/UECE. Senador Pompeu, 2006, mimeo.

PEREIRA, M.L.G, *Fazendo Parto, Fazendo Vida: Doença, reprodução e percepção de gênero na Amazônia*. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais. PUC-SP. São Paulo, 1993, mimeo.

SALISBURY, J. *Pais da Igreja, Virgens Independentes*. São Paulo, Ed. Página Aberta, 1995.

SOUSA, F. R. S. de. *...E o Homem Faz a Devoção à Sua Imagem e Semelhança: Santuário Nossa Senhora Imaculada Rainha do Sertão*. Monografia de Graduação em História. FECLESC/UECE. Quixadá, 2006, mimeo.